
A IMPORTÂNCIA DAS PEQUENAS COISAS COMO ACESSO À GRANDEZA, NA FILOSOFIA NIETZSCHEANA*

JOSÉ AMORIM DE OLIVEIRA JÚNIOR**

Resumo: *este artigo tem por objetivo analisar, à luz da filosofia nietzscheana, a importância das pequenas coisas que ocorrem no nosso dia a dia, para a construção do conceito de grandeza, cuja constituição se dá a partir de um conjunto de temas, tais como amor fati, transgressão e tipologia.*

Palavras-chave: *Filosofia. Pequenas coisas. Grandeza. Idealismo. Nietzsche.*

Em nosso cotidiano muitas vezes desconsideramos a importância de pequenos gestos que fazemos, de palavras e frases que falamos, de experiências simples que vivenciamos.

Não raras vezes, ao encontrarmos ou nos despedirmos de pessoas com quem convivemos, elas continuam seus afazeres, e pegam em nossas mãos sem, inclusive, desviar o olhar do que estão fazendo. É comum, também, nos dizerem: “pode ir falando aí. Não estou olhando para você, mas estou prestando atenção. Consigo fazer várias coisas ao mesmo tempo”, deixando de captar nosso olhar, nossa expressão, enfim, deixando de viver a totalidade daquele momento, porque o consideram pequeno, banal demais.

A reflexão sobre o cotidiano, sobre as pequenas coisas, apesar de ser aparentemente banal, tem importante desdobramento filosófico.

Em seu livro *Filosofia prática* Tiburi (2014, p. 194-197) afirma que o cotidiano parece ser, à primeira vista, o lugar do banal, do coloquial, do vulgar, do simples, do ordinário, tendo sido poucas vezes alvo de investigação filosófica:

* Recebido em: 14.02.2016. Aprovado em: 23.03.2016.

** Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (Ufscar). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Formado em Filosofia pela Universidade Católica de Goiás. E-mail: joseufscar@gmail.com.

ali vive o ser humano em seu estado banal, anti-heroico, indistinguível. [...] Dizemos que o cotidiano é o lugar da experiência do banal. Mas ele é também o lugar da experiência, daquilo que nos põe em uma relação de tangibilidade com a vida. [...] o lugar do ordinário, no qual o extraordinário surge como mística [...] espaço de experiência em que repetição e autocriação tensionam-se mutuamente.

Um dos paradoxos do cotidiano é exatamente a repetição de experiências simples, pequenas, que acabam por ser banalizadas pelas pessoas que, em grande parte, vivem aguardando um ‘grande’ momento, vivem em busca de uma ‘grande’ felicidade, de um ‘grande’ prazer e, com isso, acabam negando ou desvalorizando as pequenas coisas que acontecem em seu dia a dia, pois não enxergam a grandeza que pode existir nelas.

Outro ponto importante, nessa reflexão, é a subjetividade: o que é ‘pequeno’ e sem importância, para alguém, pode ser ‘grande’, importantíssimo e esmagadoramente implacável, para outrem. Isso ocorre, com frequência, nas questões de natureza existencial, em que pessoas mais frágeis ou sensíveis vivenciam situações que lhes causam muita dor e, ao compartilhá-las com outras pessoas, acabam não sendo acolhidas, sendo recepcionadas muitas vezes por frases do tipo: “deixa isso para lá, isso não tem importância”. O contrário também pode acontecer, ou seja, alguém pode ficar tão feliz por algo que para ela é importante e ao compartilhar essa experiência que a deixou tão feliz, com alguém que tem um papel importante em sua vida, acaba tendo sua vivência anulada ou desvalorizada pela pessoa, que lhe diz coisas do tipo: “deixa de ser sentimental, isso que você está falando é tão simples, não sei porque você está tão feliz!”

Falar de ‘pequenas’ coisas, porém, já não seria, em si mesmo, uma contradição com o que apresentamos até agora, pois isso implicaria que existem coisas ‘pequenas’ e coisas ‘grandes’, situações e momentos de ‘pequena’ importância e outros de ‘grande’ importância?

Mesmo na dimensão do senso comum existe uma compreensão sobre a importância de pequenas coisas. Isso pode ser visto, por exemplo, na citação do seguinte trecho bíblico: “Quem é fiel no pouco também o é no muito, e quem no pouco é infiel também o é no muito” (Lucas 16,10).

O que desejamos demonstrar é que não existem, falando estritamente, ‘pequenas’ coisas, pequenas ações. Todas as ações podem ser pequenas ou grandes. Depende da importância que damos a ela. Trata-se de uma questão de valoração. Porém, como pretendemos fazer uma reflexão à luz do pensamento nietzscheano, vamos buscar na obra do filósofo alemão elementos para elucidar esta questão.

PEQUENAS COISAS: CAMINHO PARA SE CHEGAR À GRANDEZA HUMANA

Sempre me intrigou a recorrente dedicação de Nietzsche a temas aparentemente alheios às tradicionais questões filosóficas¹. Cito, a seguir, alguns exemplos de temas aparentemente simplórios, mas que adquiriram relevância na obra do filósofo alemão:

a) Nutrição

Não será uma constatação que nos deveria causar horror ver que somente há cerca de vinte anos passaram a ser examinadas com rigor, com seriedade, com senso de justiça,

todas as questões *mais relevantes* em termos de alimentação, de roupa, de comida, de *saúde*, de reprodução? (NIETZSCHE, 2002a, p. 42).

b) Escolha do clima ideal para se viver

A influência do clima na transmutação material [...] um erro na escolha do lugar e do clima pode não só desinteressar alguém do seu escopo, como também afastá-lo de todo, e assim ele não chega a vê-lo. [...] Pense-se um pouco nos lugares onde houve ou existem homens de espírito, onde o espírito, a perspicácia e a malícia faziam parte da felicidade, onde o gênio nascia quase por necessidade; todos têm um semblante caracteristicamente seco (NIETZSCHE, 1995, p. 38-9).

c) Importância de um filosofar que brote do caminhar ao ar livre²

Não pertencemos àqueles que só entre livros e impelidos por eles chegam a ter pensamentos – o nosso costume é pensar ao ar livre, andando, saltando, subindo, dançando, de preferência por montes solitários ou junto ao mar, lá onde até os próprios caminhos ficam pensativos (NIETZSCHE, 1998a, p. 294).

d) Benevolência:

Entre as coisas pequenas, mas bastante frequentes, e por isso muito eficazes, às quais a ciência deve atentar mais do que às coisas grandes e raras, deve-se incluir também a benevolência; refiro-me às expressões de ânimo amigável nas relações, ao sorriso dos olhos, aos apertos de mão, à satisfação que habitualmente envolve quase toda ação humana. [...] A soma dessas doses mínimas é no entanto formidável, sua força total é das mais potentes. – de modo semelhante, no mundo se acha muito mais felicidade do que vêem os olhos turvos: isto é, se calculamos direito e não esquecemos todos os momentos de satisfação de que todo dia humano, mesmo na vida mais atormentada, é rico (NIETZSCHE, 2000, p. 53).

e) Enfraquecimento, pelo gasto de energia com coisas negativas

[...] os gastos defensivos, por menores que sejam, tornando-se hábito e regra levam a um empobrecimento extraordinário e completamente supérfluo. Nossos *grandes* gastos são os pequenos e muito frequentes. [...] não haja engano -, uma energia *desperdiçada* para fins negativos. Pela simples necessidade constante de defesa é possível tornar-se fraco a ponto de não mais poder se defender (NIETZSCHE, 1995, p. 47).

f) Importância do ócio³

Nietzsche critica a pressa asfixiante no trabalho, que contagia a América e a Velha Europa, tornando-a feroz e espalhando sobre ela uma estranhíssima falta de espírito. As pessoas já se começam a envergonhar do descanso; as longas reflexões quase fazem remorsos.

Pensa-se com o relógio na mão enquanto se almoça, o olho no jornal da Bolsa, vive-se como alguém que continuamente ‘pudesse perder’ algo. ‘Melhor fazer qualquer coisa do que nada’ – esta máxima é também uma corda, para estrangular toda a cultura e todo o gosto mais elevado. [...] já não há tempo nem forças para cerimônias, para a cortesia com rodeios, para todo o *esprit* na conversação e sequer parar qualquer *otium*. Pois a vida à caça dos ganhos materiais obriga continuamente a dispender o espírito até à exaustão, fingindo sempre, defraudando ou antecipando-se aos outros: a virtude propriamente dita é agora fazer qualquer coisa em menos tempo do que qualquer outro (NIETZSCHE, 1998a, p. 228-9).

Qual é o lugar que a reflexão sobre questões cotidianas como essas (nutrição, Escolha do clima ideal para se viver, caminhar ao ar livre, benevolência, dentre outras) ocupam na filosofia nietzscheana?

Intrigado pela importância dada pelo autor alemão a tais questões aparentemente banais, apresentamos, à luz de seus textos, uma resposta sobre a relevância desses temas, em sua filosofia:

Perguntarão por que relatei todas essas coisas pequenas e, seguindo o juízo tradicional, indiferentes: estaria com isso prejudicando a mim mesmo, tanto mais se estou destinado a defender grandes tarefas. Resposta: essas pequenas coisas – alimentação, lugar, clima, distração, toda a casuística do egoísmo – são inconcebivelmente mais importantes do que tudo o que até agora tomou-se como importante (NIETZSCHE, 1995, p. 50).

Ou seja, tudo aquilo que até agora os homens têm considerado seriamente não é nem mesmo realidade, segundo Nietzsche (1995, p. 50):

[...] expresso com mais rigor, *mentiras*, oriundas dos instintos ruins de naturezas doentes, nocivas no sentido mais profundo – todos os conceitos: ‘Deus’, ‘alma’, ‘virtude’, ‘além’, ‘verdade’, ‘vida eterna’... Mas procurou-se neles a grandeza da natureza humana, sua ‘divindade’. Todas as questões da política, da ordenação social, da educação foram por eles falseados até a medula, por haver-se tomado os homens mais nocivos por grandes – por ter-se ensinado a desprezar as coisas ‘pequenas’, ou seja, os assuntos fundamentais da vida mesma...

Todos esses conceitos, nunca foram levados em conta, para Nietzsche (1995, p. 35):

‘Deus’, ‘imortalidade da alma’, ‘salvação’, ‘além’, puras noções, às quais não dediquei atenção nenhuma, tempo algum, mesmo quando criança – talvez não fosse infantil bastante para isso. [...] Sou muito inquiridor, muito *duvidoso*, muito altivo para me satisfazer com uma resposta grosseira.

A questão que se coloca, para Nietzsche (1995), ao tratar das pequenas coisas, é como o homem pode, a partir delas, chegar à sua plenitude, questão essa que intitula um dos livros nietzscheanos, *Ecce homo*, cujo subtítulo é, sugestivamente, “como tornar-se o que se é”, tarefa que, para o filósofo alemão, está muito acima da média ordinária dos homens,

pois, segundo escreve em sua autobiografia, “não há perigo maior do que dar-se conta de si mesmo”.

Como vimos até agora, as pequenas coisas são, para Nietzsche, imprescindíveis para que o homem atinja sua plenitude ou sua grandeza.

O autor de *Ecce Homo* (NIETZSCHE, 1995, p. 51) apresenta o *amor fati* (“amor ao destino”) como sendo sua “fórmula” para se atingir a grandeza do homem, embora não elabore o significado do termo *amor fati*, o que pode ser melhor entendido em outros textos, como o que apresentamos a seguir:

Frequentemente me perguntei se não tenho um débito mais profundo com os anos mais difíceis de minha vida do que com outros quaisquer. Minha natureza íntima me ensina que tudo necessário, visto do alto e no sentido de uma *grande* economia, é também vantajoso em si – deve-se não apenas suportá-lo, deve-se *amá-lo*... *Amor fati* (amor ao destino); eis minha natureza íntima [...] Apenas a grande dor é o extremo libertador do espírito [...]. Apenas a grande dor, a longa, lenta dor, em que somos queimados com madeira verde, por assim dizer, a dor que não tem pressa – obriga a nós [...] a alcançar nossa profundidade extrema [...] (NIETZSCHE, 1999, p. 71).

Mas, afinal, o que é a grandeza humana e como ela pode ser alcançada?

DAS PEQUENAS COISAS À GRANDEZA HUMANA

Embora a temática da grandeza seja recorrente e relevante na obra nietzscheana ela, assim como os demais temas desenvolvidos pelo filósofo, não é elaborado de maneira sistemática.

A seguir, procuraremos entender o que é a grandeza, em Nietzsche, a partir de algumas pistas dadas pelo filósofo⁴ ou, melhor dizendo, a partir de alguns conceitos que são chaves para se entender o sentido de grandeza, em sua filosofia.

O AMOR FATI COMO UM TRAÇO DA GRANDEZA HUMANA

Anúncio da “fórmula para a grandeza humana”, em *Ecce Homo* (NIETZSCHE, 1995):

A minha fórmula para a grandeza do homem é o *amor fati*: nada querer diferente, seja para trás, seja para a frente, seja em toda a eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo - todo idealismo é mendacidade ante o necessário - mas *amá-lo*...

Em busca de uma ‘grandeza’ imaginária, o homem mata as pequenas coisas, seguindo um caminho equivocado para se atingir a verdadeira grandeza.

A CAPACIDADE DE SUPORTAR A DOR DA EXISTÊNCIA

Ao ignorar a importância das pequenas coisas o homem quase sempre acaba criando um mundo ideal, em busca de uma suposta ‘grandeza’, ignorando e desvalorizando o mundo

real: em busca de algo imaginário, ele “despreza as pequenas coisas, as coisas fundamentais da vida” (NIETZSCHE, 1995, p. 50).

O conceito de Deus, segundo Nietzsche (1995, “Por que sou um destino”, §8, p. 116), foi inventado como antítese ao de vida:

tudo nocivo, venenoso, caluniador, toda a inimizada de morte à vida, tudo enfeixado em uma horrorosa unidade! Inventada a noção de ‘além’, ‘mundo verdadeiro’, para desvalorizar o *único* mundo que existe – para não deixar à nossa realidade terrena nenhum fim, nenhuma razão, nenhuma tarefa! A noção de ‘alma’, ‘espírito’, por fim ‘alma imortal’, inventada para desprezar o corpo, torná-lo doente - ‘santo’ -, para tratar com terrível frivolidade todas as coisas que na vida merecem seriedade, as questões de alimentação, habitação, dieta espiritual, assistência a doentes, limpeza, clima!

Evidentemente, pode-se objetar que Nietzsche (2002b, p. 42) combate o idealismo (Deus, verdade, além etc.) com outra forma de idealismo, o seu conceito de super-homem ou além-do-homem: “Meu conceito, minha *alegoria* para esse tipo [uma espécie mais forte, um tipo mais elevado] é, como se sabe, a palavra ‘Além do Homem’.”

Porém, ainda que se possa objetar que Nietzsche supostamente erija um conceito ideal (o super-homem) para combater outros conceitos ideais (Deus, além, etc.) isso não representa uma contradição, à luz de sua filosofia, que critica no idealismo sua negação da existência, enquanto seu conceito de super-homem é, por excelência, a máxima afirmação da existência e tem lugar dentro de um projeto de transvaloração dos valores, sintetizado por Nietzsche (2002b, p. 54) da seguinte forma:

todos os profetas foram até agora mentirosos, a partir de mim fala a verdade. Porém minha verdade é *terrível*: pois até agora chamou-se a *mentira* de verdade... Transvaloração de todos os valores, isso é minha fórmula para um ato de suprema auto reflexão da humanidade: meu fado quer que eu tenha que mergulhar o olhar nas questões de todos os tempos mais profundamente, corajosa e honestamente do que jamais um homem até agora pode *descobrir*... Não desafio aquilo que agora vive, eu desafio contra mim vários milênios.

Esse movimento de combater um idealismo com um outro aparente idealismo é denominado por Fink (1988, p. 63) de “idealismo invertido”, em que “todas as transcendências são expressamente buscadas dentro do homem, pelo que lhe é conferida assim a máxima liberdade da criação audaciosa”.

Com o idealismo o homem torna-se um ser discordante e infeliz; despreza o corpo ao qual ainda está acorrentada a alma; quer evadir-se desta prisão, conforme assevera Fink (1988, p. 75), para quem a conversão do idealismo pela ideia do super-homem significa “a cura da fissura que divide o homem e o torna discordante, significa uma reconciliação onde se exprime a oposição entre o corpo e a alma”.

Uma forma de distinguir as duas situações de “idealismo”, é, possivelmente, a diferenciação que Nietzsche (1998a, p. 301) faz entre duas espécies de sofredores: aqueles que “sofrem da *superabundância da vida*, os quais querem uma arte dionisíaca e, de igual modo, uma visão e uma compreensão trágica da vida” e aqueles que sofrem de um “*empobrecimento*

da vida, os quais procuram silêncio, paz, mar calmo, redenção de si próprios, através da arte e do conhecimento, ou então o êxtase, o espasmo, o aturdimento, a loucura”.

A superação do idealismo (incluindo aí os conceitos de alma, espírito e Deus) exige a criação de novos valores, segundo defende Nietzsche (2002b, p. 49):

Não temos, em absoluto, mais nenhum senhor sobre nós; o antigo mundo de valoração é teológico – ele foi revirado (*umgeworfen*). Mais concisamente: não há qualquer instância superior sobre nós: na medida em que Deus possa ser, agora somos nós mesmos Deus... Temos que conferir a nós os atributos que conferíamos a Deus.

A questão da ‘morte de Deus’, levantada por Nietzsche, coloca em cheque a questão da autodeterminação: de nada adiantaria colocar um novo ideal (ainda que esse ideal fosse o super-homem, embora não seja o caso) no lugar de antigos ideais (verdade, além, Deus), se isso significar a negação desta existência e de tudo o que a acompanha⁵.

A negação da existência, ou da dor da existência, e a busca de um mundo imaginário se dá, em geral, em função da necessidade que algumas pessoas (classificadas por Nietzsche como espírito de rebanho, pessoas de instintos vingativos) têm de negar a dor. Porém, ao negar a dor e as dificuldades inerentes à vida, nega-se a própria vida: “a vida tornou-se-me leve, a mais leve, quando exigiu de mim o mais pesado” (NIETZSCHE, 1995, p. 51).⁶

Esse ponto nos remete à questão da tipologia nietzscheana: dentre a miríade de tipos que são construídos por Nietzsche ao longo de sua filosofia⁷, o super-homem é o que, por excelência, busca e encarna a grandeza humana, em parte pela sua capacidade de suportar a dor e os revezes da existência, questão complexa e o filósofo alemão tem ciência de que nem todos são capazes de fazê-lo:

Algo pode ser verdadeiro, apesar de nocivo e perigoso no mais alto grau; mais ainda, pode ser da constituição básica da existência o fato de alguém se destruir ao conhecê-la inteiramente [verdade absoluta] - de modo que a fortaleza de um espírito se mediria pelo quanto de “verdade” ele ainda suportasse, ou, mais claramente, pelo grau em que ele necessitasse vê-la diluída, edulcorada, encoberta, amortecida, falseada. [...] Para o surgimento do espírito e filósofo independente, forte, talvez a dureza e a astúcia forneçam condições mais favoráveis que a suave, fina, complacente disposição, a arte de aceitar as coisas com leveza, que é [...] justamente apreciada num filósofo. Pressupondo o que vem antes de tudo, isto é, que o conceito de ‘filósofo’ não seja restrito ao filósofo que escreve livros. [...] Para ser bom filósofo, é preciso ser seco, claro, sem ilusão (NIETZSCHE, 1992, p. 44-5).

Essa mesma ideia reaparece em um fragmento póstumo escrito no outono de 1887 (NIETZSCHE, 2002b, p. 39), no qual o autor alemão formula a seguinte pergunta: “quanto de verdade suporta e ousa um espírito?”. A resposta, segundo ele, traduz o grau da fortaleza de um indivíduo, sua capacidade de *amor fati*, de um dionisíaco *dizer-sim* ao mundo, como ele é, até ao desejo de seu absoluto retorno e eternidade, com o que estaria dado um novo ideal de filosofia e sensibilidade.

Ainda que Nietzsche (1998a, p. 301) ressalte a importância do homem ser capaz de suportar a dor, ele está cômico, também, de que é necessário ter mecanismos para “lidar” com

este conteúdo: “toda a arte, toda a filosofia podem ser vistas como remédio e ajuda ao serviço da vida que cresce e luta: pressupõem sempre sofrimentos e sofredores”.

A verdade absoluta mata o ser humano. Traça-se aqui um paralelo entre consciente e inconsciente: grande parte de nossas ‘verdades’ tornam-se recalcadas, principalmente aquelas lembranças muito dolorosas, em relação às quais não poderíamos lidar, sem nos desfragmentarmos, pois o acesso a elas é, em alguns casos, motivos para desestruturação da nossa personalidade. Nesse sentido é que as pessoas que não tem necessidade de recalque, de esconder de si mesmas algumas ‘verdades’ mais cruéis, são denominadas por Nietzsche (1992) de “espíritos fortes”.

O DOMÍNIO DAS PAIXÕES

Para Nietzsche (2002b, p. 50) a grandeza consiste não na ausência da tensão e do contraste, mas no domínio sobre as paixões: “Quanto maior é a força dominadora de nossa vontade, tanto mais liberdade pode ser dada às paixões. O grande homem é grande pelo espaço de liberdade de suas paixões: ele é, porém, forte o suficiente, de modo que faz desses monstros seus animais domésticos...”.

Assim, o domínio das paixões, não deve ser entendido como o enfraquecimento, nem o extermínio das paixões, e sim a capacidade de lidar com elas.

A TRANSGRESSÃO

A valorização das paixões, como elemento-chave da grandeza humana é feita a partir de uma avaliação da grandeza (dos homens e das coisas em geral) sob uma perspectiva “natural” e “amoral”: “contamos a paixão como um privilégio, não achamos nada de grande onde não esteja compreendido um grande delito; concebemos todo ser-grande como um colocar-se fora em relação à moral” (NIETZSCHE, 2002b, p. 45).

Por sua característica amoral, os grandes homens possuem, quase sempre, um traço de transgressão, pois para fazer avançar os costumes, as regras, as leis, eles devem transgredi-las⁸:

Há muita razão na luta contra os grandes homens. Eles são perigosos, acasos, exceções, tempestade, suficientemente fortes para colocar em questão aquilo que foi lentamente construído e fundamentado, homens-ponto de interrogação em vista de credos firmados (NIETZSCHE, 2002b, p. 51).

Os grandes homens têm como imperativo supremo, para Nietzsche (1990, § 6, p. 135), fugir à influência paralisante da época em que vivem, colocando-se em constante luta com o seu tempo e tornando-se extemporâneos, a ponto do filósofo recomendar: se quereis ler biografias, procure aquelas que tem como título “um lutador com o seu tempo”⁹.

Esses homens, ou grandes homens, como Nietzsche os denominam (NIETZSCHE, 1992, p. 100), acabam, inevitavelmente, transgredindo regras e costumes de seus tempos, se tornando comumente solitários e perigosos, para a sociedade: “A espiritualidade superior e independente, a vontade de estar só e mesmo a grande razão serão percebidas como perigo: tudo o que ergue o indivíduo acima do rebanho e infunde temor ao próximo é doravante apelidado de *mau*”.

Essa questão é tratada por Nietzsche (1947), do ponto de vista histórico, pois todos os que derruíram a lei moral estabelecida foram sempre considerados como “homens maus”, mas quando se restabelece a lei e se aceita a mudança, o atributo sofre, paulatinamente, uma transformação e esses homens “maus” passam a ser chamados, mais tarde, de “bons”.

OBRA DA VONTADE HUMANA, E NÃO UM PROCESSO ESPONTÂNEO

Por causa de seu caráter transgressor, criador de novos valores, o surgimento de grandes homens são, quase sempre, “evitados preventivamente” por todas as sociedades civilizadas, segundo Nietzsche (2002b, p. 51).¹⁰

Exatamente por isso, a “auto superação do homem”, fórmula que Nietzsche (2002b, p. 33) toma emprestada da moral, embora use-a em um sentido extra moral, faz parte de uma proposta de educação do homem, ou talvez, para usar uma expressão melhor, do “cultivo do homem”, proposto pelo filósofo alemão, tendo como meta fazer com que o super-homem deixe de ser obra do acaso e passe a ser obra do querer humano:

Aquilo que em parte a necessidade constringe (Not), em parte o acaso, aqui e ali alcançaram, as condições para a produção de uma *espécie mais forte*, podemos agora compreender isso e, sabendo-o, *querer*: podemos criar as condições sob as quais uma tal elevação é possível. Até agora, a ‘educação’ tinha em vista a vantagem da sociedade *não* a possível vantagem do futuro, porém a vantagem da sociedade precisamente existente. Quis-se ‘ferramentas’ para ela. Suposto que a *riqueza em força fosse maior*, então se poderia pensar numa **subtração de forças**, cuja meta *não* se prestasse à vantagem da sociedade, porém a uma vantagem futura [...] (NIETZSCHE, 2002b, p. 37).

Em oposição à educação tradicional, considerada por Nietzsche (2002b, p. 50) como “um sistema de meios para arruinar as exceções em proveito da regra”¹¹, ele propõe uma nova educação, capaz de produzir um novo homem, mais forte.

Em *Ecce Homo*, Nietzsche (1995, p. 70) assinala que com seus estudos sobre Schopenhauer e Wagner, desejava colocar “um problema de educação sem equivalente, um novo conceito de *cultivo de si*, *defesa de si* até a dureza, um caminho para a grandeza” e arremata dizendo que procurava, nesta altura, a sua primeira expressão, talvez um esforço que viria a ter várias outras expressões, ao longo de seu filosofar.

Em alguns trechos de *Humano, demasiado humano*, o autor deixa claro que os grandes homens nascem a partir de um árduo trabalho e de um dedicar-se:

Todos os grandes [homens] foram grandes trabalhadores, incansáveis não apenas no inventar, mas também no rejeitar, eleger, remodelar e ordenar (NIETZSCHE, 2000, p. 120).

Só não falem de dons e talentos inatos! Podemos nomear grandes homens de toda espécie que foram pouco dotados. Mas *adquiriram* grandeza, tornaram-se “gênios” (como se diz) por qualidades de cuja ausência ninguém que dela esteja cômico gosta de falar: todos tiveram a diligente seriedade do artesão, que primeiro aprende a construir perfeitamente

as partes, antes de ousar fazer um grande todo; permitiram-se tempo para isso, porque tinham mais prazer em fazer bem o pequeno e o secundário do que no efeito de um todo deslumbrante (NIETZSCHE, 2000, p. 125).

Como se vê, a grandeza não é algo inato, mas, sim, algo construído: “Grandeza significa dar direção”, afirma Nietzsche (2000, p. 272) e usa uma metáfora para explicar sua tese:

Nenhum rio é por si mesmo grande e abundante; é o fato de receber e levar adiante muitos afluentes que o torna assim. O mesmo sucede com todas as grandezas do espírito. Interessa apenas que um homem dê a direção que os muitos afluentes devem seguir; e não que ele inicialmente seja pobre ou rico em dons.

A GRANDEZA COMO FRUTO DE UMA ILUSÃO DA UNIDADE

A nossa avaliação é feita, segundo Nietzsche, em função de quantidades, não de qualidades: respeitamos o que é *grande*, o *anormal*. O respeito pelos grandes efeitos das pequenas causas não é, senão, um “deslumbramento diante do resultado e a desproporção das causas mínimas. É somente adicionando numerosos efeitos e olhando-os como uma *unidade* que temos a impressão de grandeza” (NIETZSCHE, 1984, p. 42). Dito em outras palavras, *produzimos* a grandeza graças a esta “unidade” ou, como diria Marinoff (2013, p. 271), “uma grande coisa pode ser simplesmente a soma de pequenas coisas”.

O fato de, em parte, a grandeza ser fruto de uma ilusão não é problema, para Nietzsche (1984, p. 43), pois “a humanidade só cresce através do respeito pelo *raro*, pelo *grande*. Mesmo aquilo em que se acreditou erradamente ser raro e grande, por exemplo, o *milagre*, exerce esse efeito”.

CONCLUSÕES

Dado que vivemos imersos no cotidiano, a repetição de uma série de pequenas ações, gestos e experiências no nosso dia a dia correm o risco de, com o passar do tempo, se tornarem banalizadas e até mesmo desprezadas por nós.

O risco que corremos, ao assim agir é exatamente negar o que é pequeno e banal, negar a existência e passar a desejar ‘grandes’ coisas, grandes acontecimentos. O risco é negarmos nossos pequenos feitos, nossas pequenas conquistas e desejarmos apenas as grandes experiências e grandes sucessos.

À luz da filosofia nietzscheana, as pequenas coisas são o que temos de mais concreto, de mais essencial, e isso inclui situações e experimentos que são comumente desvalorizados pelas pessoas, cegas que estão em busca do que pode haver de ‘grande’ em suas existências.

Nietzsche nos mostra a importância de valorizar pequenas coisas, como a nutrição, a escolha de um clima ideal onde viver, o caminhar ao ar livre, a benevolência, pois essas pequenas coisas estão na essência do que nos permite atingir a plenitude de nossa força, do nosso ser.

À questão levantada por Nietzsche: como alguém pode “tornar-se o que se é”, a resposta, indubitavelmente, é começar por dar-se conta de si mesmo, das pequenas dores, dos

pequenos experimentos, e, mais do que isso, mais do que apenas suportar tudo isso, amar também: “*Amor fati* (amor ao destino)”, para “alcançar nossa profundidade extrema” (NIETZSCHE, 1999, p. 71).

As pequenas coisas são o caminho para se chegar ao que Nietzsche chama de grandeza humana, das grandes coisas e, seguindo este raciocínio, procuramos delinear alguns traços desta grandeza, tais como o *amor fati*, a capacidade de suportar a dor da existência, o domínio das paixões, capacidade de transgredir valores propostos pela sociedade e criar os próprios valores.

Essas são, enfim, algumas formas de se atingir a plena consciência do valor das pequenas coisas, pela compreensão de que a grandeza é fruto de uma ilusão da unidade, ilusão pela qual nossos sentidos e nossa percepção veem como grande algo que é, essencialmente, o resultado de pequenas coisas, de inúmeros pequenas causas: o que muitas vezes enxergamos como pequenas coisas, no nosso cotidiano, é o que verdadeiramente importa, na vida, e são responsáveis, inclusive, por, uma vez somados, produzir as ‘grandes’ coisas.

Dentre as várias lições que aprendemos com Nietzsche, neste texto, está a de que as pequenas coisas, se desprezadas, jamais podem resultar em algo grandioso, jamais podem criar as grandes coisas, que tanto apreciamos.

THE IMPORTANCE OF SMALL THINGS TO ACCESS THE GREATNESS IN NIETZSCHE’S PHILOSOPHY

Abstract: this article aims to examine, in the light of Nietzschean philosophy, the importance of small things that occur in our daily lives, to build the concept of greatness, whose formation occurs from a set of themes, such as amor fati, transgression and typology.

Key words: Philosophy. Small Things. Greatness. Idealism. Nietzsche.

Notas

- 1 A título de exemplo, o verbete filosofia, no *Dicionário Aurélio*, está atrelado ao estudo de temas como o ser, razão, consciência, princípio e causa das coisas e espírito.
- 2 Segundo Gros (2010, p. 19-20), Nietzsche foi um caminhante notável e resistente, tendo feito da caminhada ao ar livre um “elemento de sua obra, o acompanhamento permanente de sua escrita”.
- 3 A importância do ócio foi ressaltada pelo sociólogo italiano Domenico De Masi, em sua obra *O Ócio Criativo*, na qual analisa a interrelação entre trabalho, estudo e lazer na sociedade.
- 4 Para fundamentar a ideia da grandeza humana, em Nietzsche recorremos ao argumento de Fink (1988, p. 89-90), pesquisador que considera que a sucessão das ideias fundamentais de Nietzsche não é arbitrária: “embora todas elas estejam em relação umas com as outras e se esclareçam mutuamente, não se pode inverter a sua ordem. Primeiramente e como exigência relativamente ao homem que Nietzsche proclama o super-homem, mas a possibilidade interior daquele depende da morte de Deus. Só no momento em que se reconhece o sobre-humano (os deuses, a moral e o Além) como dimensão da alienação do homem se pode realizar a inversão do idealismo, pode Zaratustra dizer: ‘Todos os deuses estão mortos; agora queremos que viva o super-homem’.”.
- 5 Nietzsche (1992, p. 184) alerta que até mesmo os “grandes homens” podem ocupar este espaço ilusório de Deus: “E quem sabe se até aqui não ocorreu o mesmo em todos os grandes casos: que a multidão tenha adorado um deus - e o “deus” era um pobre animal de sacrifício! O êxito sempre foi o maior mentiroso - e a “obra” mesma é um êxito; o grande estadista, o conquistador, o descobridor está disfarçado em suas criações, até um ponto irreconhecível; a ‘obra’, a do artista, do filósofo, só ela inventa quem a criou, quem a teria criado; os ‘grandes homens’, tal como são venerados, são pequenas criações ruins, feitas posteriormente; no mundo dos valores históricos a moeda falsa domina”.

- 6 A dor é primordial e inerente à vida e Nietzsche (1998a, p. 185) assimila-a em sua filosofia, dando-lhe um lugar de destaque: “O que faz de nós heróis? Ir, simultaneamente, ao encontro da nossa suprema dor e da nossa suprema esperança”.
- 7 A título de exemplo, citamos alguns tipos construídos por Nietzsche, ao longo de seu filosofar: “homens bons”, “escravo/servo” (1992, § 46); “espírito independente” (1992, § 39); “espírito livre” (1992, § 22 a § 44); “gênio” (1992, § 74); “grande homem” (1992, § 97); “guerreiro” (1992, § 76); “homem do futuro” (1992, § 203); “homem forte (espíritos fortes)” (1992, § 29 e § 39); “nobre” (1992, § 49); “plebeu” (1992, § 22 e § 190); “super-homem” (1998b, I parte, Prólogo); “Últimos homens” (1998b, III parte, Das velhas e novas tábuas, § 27 e I parte, Prólogo).
- 8 Daí o caráter “legislador” que Nietzsche atribuía aos grandes homens: “Nós, porém, queremos tornar-nos aqueles que nós somos: [...] os que dão leis a si próprios, os que se criam a si próprios!” (1998a, IV, § 335, p. 237).
- 9 Tradução minha, a partir da edição francesa *Considérations Inactuelles II: De l'utilité et des inconvénients de l'histoire pour La vie* (NIETZSCHE, 1990).
- 10 Enquanto todas as sociedades civilizadas, “evitam preventivamente” os grandes homens, segundo Nietzsche (2002b, p. 51), elas incentivam a reprodução do “homem bom”, inofensivo e útil.
- 11 Algumas sociedades e culturas, em algumas épocas específicas, tiveram como meta a criação do tipo superior: “Nietzsche observa a Antiguidade e a Renascença, duas épocas em que o homem foi sem dúvida grande. Essa grandeza, observa ele, é devida à aliança de uma certa perspicácia, de um certo refinamento do espírito, com uma certa violência e crueldade de instintos. Separado dessa crueldade, o homem é um ser que enfraquece e declina” (HALÉVY, 1968, p. 308).

Referências

- BÍBLIA SAGRADA. 50. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- De MASI, Domenico. *O Ócio Criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GROS, Frédéric. *Caminhar, uma filosofia*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- HALÉVY, Daniel. *Nietzsche*. Porto: Editorial Inova Limitada, 1968.
- FINK, Eugen. *A Filosofia de Nietzsche*. Lisboa, Editorial Presença, 1988.
- MARINOFF, Lou. *Mais Platão, menos Prozac: a filosofia aplicada ao cotidiano*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Aurora – Reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução de Mário D. Ferreira Santos. São Paulo: Edigraf/Sagitário, 1947.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *O livro do filósofo*. Tradução de Rosa Maria Branco. Porto: Rés Editora, 1984.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Considérations Inactuelles II: De l'utilité et des inconvénients de l'histoire pour La vie*. Paris: Gallimard, 1990
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Ecce Homo: Como Alguém se Torna o que é*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *A Gaia ciência*. Lisboa: Relógio D'Água, 1998a.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998b.

- NIETZSCHE, Friedrich W. *Nietzsche contra Wagner*: dossier de um psicólogo. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Humano, demasiado humano*. Tradução de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Fragmentos finais*. Seleção, tradução e prefácio: Flávio R. Kothe. Brasília: Editora UnB/São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002a.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *A “Grande Política” – Fragmentos*. Introdução, seleção e tradução de Oswaldo Giacoia Jr. Coleção *Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 3*. Campinas: Ed. Unicamp, 2002b.
- TIBURI, Márcia. *Filosofia prática: ética, vida cotidiana, vida virtual*. Rio de Janeiro: Record, 2014.